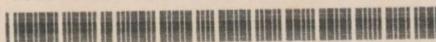


# IRRESPONSABILIDADE

JOLUMA BRITTO

Biblioteca Centro de Memória - Unicamp



CMUHE010054

Um jornal do Rio, todo cheio de coloridos e babados anunciou no último domingo que, brevemente, teríamos no País uma ópera com o nome de Guaraná. Até aí, nada de mais. Acontece, porém, que ao lado de uma fotografia, em que se vêem meia dúzia de figuras que não sabemos se são de palhaços ou "hippies", ou coisa que o valha, porque homens não o são, pode-se se ler a legenda: "Eles são amarrados ao som indígena transformado por vibrações eletrônicas. Já se apresentaram no FIC e participaram de algumas experiências de vanguarda. O conjunto 1822. Agora o negócio é transformar o Guarani de Carlos Gomes, em Guaraná ópera "pop".

Ultimamente, alguns amigos do teatro operístico, que não têm competência para montagens dos cenários dos grandes espetáculos que se assistiam no século XIX, contentam-se em caricaturar aquilo que de mais belo e portentoso se poderia ver nos velhos teatros de todo mundo. Assim aconteceu com o Guarani, em 19 de março de 1970, quando da passagem do lançamento do primeiro trabalho de fôlego do grande campineiro, maestro das Duas Américas, numa apresentação que agradou, não pela sua aparência caricatural, mas pela música e pelas vozes extraordinárias dos artistas que lhes deram tanta vida. Não assisti, infelizmente, ao espetáculo, como não vi, também, essa outra tentativa de mostrar a Traviata a um público sequioso de sensações de arte pura, no mesmo teatro da Praça Corrêa de Lemos. O que acontece, no entanto, é que ninguém se lembra do nome de Carlos Gomes para encenar qualquer de seus trabalhos operísticos, mas completos, com cenários que empolgaram nossos avós e que tanto nobilitou o Teatro Scala, de Milão, mas que não pode, evidentemente, ser encenado em nosso País, porque a pátria do genial autor de Maria Tudor só se lembra do artista campineiro, para marcá-lo, com o selo do desprestígio. Agora, surge meia dúzia de indivíduos ir-

responsáveis e assessorados por um jornal que se deveria ter na conta de defensor do renome de Carlos Gomes, tem a coragem de afirmar que "ése conjunto é responsável pelo trabalho musical mais importante realizado no País nos últimos trinta anos... "O Guaraná, "acrescenta o comentário" ópera "pop" é resultado de uma experiência do grupo que, de início, tinha pensado apenas em fazer um arranjo da ópera de Carlos Gomes. Mas, influência da música indígena, que marca profundamente o nôvo estilo do conjunto, levou-os a rejeitar o aproveitamento dos velhos temas daquela ópera composta sob a égide da música italiana do século dezenove. "Em matéria de besteira estamos entendidos. Música italiana na ópera baseada no romance de José de Alencar só pode caber na cabeça de quem desconhece os motivos profundamente brasileiros, a começar de sua profonia, tanto quanto aquela que se aprecia nesse admirável Lo Schiavo, com motivos inteiramente nacionais. A simples referência do nome de Carlos Gomes e de seu Guarani, no jornal em apreço, deveria merecer uma reprimenda de nossa Câmara Municipal contra a direção daquela fôlha, e, principalmente da Secretária da Educação e Cultura da Municipalidade, somente pela simples insinuação em se colocar o nome do grande maestro campineiro em "manchetes" de tamanha irresponsabilidade. O que se publicou contra Carlos Gomes, lembrando seu nome e seu primeiro trabalho no gênero operístico, deveria provocar uma reprimenda à direção daquela publicação sensacionalista. Ninguém, no Brasil, nem mesmo as mais altas autoridades se lembram do nome do filho do Maneco Músico para proclamar suas glórias. Para tentar ridicularizá-lo, sim. Mas, senhores, esqueçam, por favor, o nome de Antonio Carlos Gomes. Deixem-no dormir seu sono de bronze na praça pública de Campinas, naquela atitude de quem, olhando para o infinito, procura nos céus da velha Europa o rastro luminoso que ali deixou na sua passagem pela terra!